

SOBRE A HISTÓRIA DO JORNALISMO CEARENSE

João Vianney Campos de Mesquita

Professor-Colaborador do Curso de Comunicação Social, do Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia.

*"Nato il matino e al
vespéro giá vechio"*

Embora as incansáveis pesquisas do Barão de Studart e de outros tenham faustosamente documentado o passado cearense, nos aspectos da colonização e do desenvolvimento, tal se não pode afirmar com respeito à história da nossa imprensa.

Não que o nosso Heródoto e os outros historiadores tenham preterido os eventos relativos ao assunto, pois, dentre sua vasta e eclética produção, Guilherme Studart deixou para a bibliografia especializada o volume *Para a História do Jornalismo Cearense*, ao lume no ano de 1924. Mas é que, em vista da intensidade dos fatos gerais, ficaram os registos capitulados, cindidos e, de certa forma, debilitados em razão da primazia das ocorrências supostamente mais importantes lançadas no corpo das nossas memórias.

O asserto, porém, não intenta dizer que sejamos pouco dotados de passado, mnemonizado pelos registos nos documentos. O que se diz é que não há aquela opulência de detalhes, em comparando, v. g., com o que se tem relatado

na história do jornalismo brasileiro, mais ou menos adstrita a São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, e, com atenção secundária, a Minas Gerais, dirigindo, terciariamente seu estudo para o restante da Federação. Aliás, esse fato é absolutamente explicável, porquanto é natural que a História, fonte de fé da verdade, procure explorar, interpretar e transmitir ao pósteros as descobertas e ilações mais importantes oriundas daqueles lugares onde efervesceram os movimentos de toda sorte com vistas a construir, fixar e definir o presente brasileiro.

Dessarte, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia foram os cenários maiores das mais preeminentes ocorrências pretéritas, haja vista que tudo começou e se desenrolou por lá. Diferentemente de hoje — quando já existe certa unidade cultural — os outros Estados apenas acompanharam o processo, sem aquela efetiva participação no evoluir dos acontecimentos de contextura nacional, insulados, quase sempre ocupados com assuntos regionais, se bem que partidários das “políticas” dos grandes centros. Todos os Estados brasileiros têm, pois, a sua história. Alguns têm-na mais rica; outros são suficientemente modestos na sua lembrança histórica, em razão das próprias circunstâncias, vez que os fatos existem como o são e jamais devem ser ataviados pela industrioseidade de autores vezeiros em bajulações.

Com efeito, seria injusto, até insensato, atribuir desídia aos historiadores cearenses no que se relaciona com a modestia da história do jornalismo em nosso meio, até porque a maioria das realidades políticas e sociais de tempos que passaram teve como estribo a atividade jornalística, pois era através dos jornais que os líderes faziam a publicidade dos seus partidos e movimentos, buscando, no retorno, arrimo para seus programas de ação. A esse respeito, em seu *A Cultura Brasileira*, FERNANDO DE AZEVEDO refere que raros eram os homens de prestígio que viviam à margem dos jornais em seu sedutor chamamento como meio para a consecução dos programas de cartaz pessoal, de eminência em qualquer campo. Era através da imprensa que se começava

e sustentava a carreira política, que se açulavam os ânimos e se retaliavam os contendores. Por via de consequência, se não deve debitar aos nossos historiadores o que do jornalismo ficou esconso em fundos de gaveta ou destruído por políticos incultos, iconoclastas por mera ignorância, de material que embasaria a História.

Possivelmente pode haver exagero em dizermos que não é muito rica a história do jornalismo cearense. É provável até que nos dirijam o epíteto de perfeccionista, máxime porque, na qualidade de orientador de estudos que envolvem a Ciência Histórica no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, não temos nenhum trabalho que avulte como contribuição significativa à história do jornalismo, não estando, portanto, autorizado a criticar o que existe. Aos que porventura pensarem assim, em primeiro lugar, não se critica aqui o que existe. Põe-se na berlinda aquilo que não existe. Em segundo lugar, invita-se a ciência com o seu método. O conhecimento científico, e isto é óbvio por elementar, não joga com as suposições à guisa de conclusões. As hipóteses, evidentemente, são partes do caminho do método, sem, entretanto, por si sós, falarem como verdade absoluta, no que a ciência jamais pode cogitar. A verdade científica só existe até a chegada de outra verdade superveniente. E para que se não paralise o processo existe a pesquisa, o questionamento dessa verdade existente, a busca, mesmo obstinada, por outros ângulos de visão da atual e vigente.

Convém, entretanto, rematar que, como já mencionamos, a história do jornalismo cearense é modesta tanto pela pouca intensidade dos fatos que a originaram, como também pela dificuldade da busca *in situ* e pelos fatos mais importantes que sufocaram o seu detalhamento, além de outros motivos à nossa revelia que não deixaram os conhecimentos se transmitirem.

Essas referências, contudo, talvez devam ser remetidas a 7 anos atrás, antes do início da produção do professor GERALDO DA SILVA NOBRE, pesquisador imbatível, que

concertou, em técnica bibliográfica moderna, a história do jornalismo no Ceará, imprimindo ordenamento aos fatos, em obediência aos ditames da historiografia atual. O passado do jornalismo em nosso Estado foi invejavelmente recomposto por ele, no seu afã de cobrir as deficiências citadas linhas atrás, — existentes por diversos motivos —, e na sua experiência vivida, participada, como instrumento dos acontecimentos ligados ao jornalismo, pois que deles foi parte ativa. Tirante a possibilidade de ter-lhe escapado algum detalhe importante, comum ao ofício do pesquisador, sua obra é documento fidelíssimo, atestado da responsabilidade e do trabalho do cientista.

Muitos dos nossos homens de letras de hoje, que também estão ou estiveram ligados, de qualquer forma, à atividade jornalística têm, ainda, armazenados na retentiva suas experiência, muitas das quais desconhecidas do estudioso, do estudante ou daquele que procura conhecer o assunto por simples diletantismo. Quer pela ausência de oportunidade, quer pelo assoberbamento dos afazeres, eles não deixaram, até agora, contribuição de monta ao registo histórico da vida jornalística. Esse fato é lamentável, posto que eles, a despeito de se constituírem excelente manancial para a pesquisa, desaparecerão sem deixar sua marca. Muito provavelmente, no escuro do futuro, eles ficarão escondidos no passado, ao passo que o que se registra hoje é a alimentação do pesquisador, é o que subsidia as inferências científicas.

Além do Barão de Studart, de Raimundo Girão, Geraldo Nobre e outros poucos, acresce referir a Adísia Sá, que acaba de editar o volume *Ensino do Jornalismo no Ceará*, no qual relata, com a mais absoluta fidelidade, a progênie e a vida do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, partindo de 1930, quando começaram a surgir manifestações da necessidade de se organizar o ensino do jornalismo, o que veio a acontecer somente em 1965.

Contribuições a esse ensino, no Ceará, no campo editorial, prestaram também os professores Heitor Faria Guilherme (*Manual de Revisão*), e José Alcides Pinto (*Comunica-*

ção — *Ingredientes — Repercussão*), cuja produção, bastante atualizada, é compulsada por professores, profissionais de imprensa e, especialmente, por estudantes. Muito embora os assuntos ali discorridos nada tenham com a história da imprensa no Ceará, esses trabalhos têm um lugar de destaque na bibliografia brasileira especializada em Comunicação Social, devendo, consecutivamente, figurar no argumento da história, pois, além da sua atualidade, constituirão, amanhã, excelentes fontes de pesquisa. Por derradeiro, cita-se o trabalho *Comunicação Social: Roteiro Bibliográfico*, de autoria do jornalista Godofredo Pereira. É um catálogo de todas as obras editadas no Brasil envolvendo o estudo das comunicações sociais, de grande importância como indicador bibliográfico ao estudante. Nesse nível de contributo didático, a professora Adísia Sá, incluindo a obra citada, produziu alguns trabalhos editoriais, além de vários artigos em revistas e jornais daqui.

Recontar a história do jornalismo cearense, depois do trabalho do professor Geraldo Nobre, é tarefa difícil que só ao pesquisador paciente e desafogado parece factível. Já dissemos que ele concertou os fatos esparsos em diversos documentos arquivados nas poucas bibliotecas e hemerotecas da nossa terra, com a mais beneditina das paciências. Encontrar nas mesmas fontes fato novo que lhe tenha sido escapo, considerando sua postura de operário diligente da pesquisa, é uma esperança lotérica. Seria, portanto, fastidioso e descabido repetir os mesmos ângulos dos trabalhos de G. S. Nobre, já que seus livros *Introdução à História do Jornalismo Cearense* e *História da Associação Cearense de Imprensa* são achadiços em boas livrarias brasileiras e em qualquer casa de livros de Fortaleza.

Cabe, então, que nos ocupemos de aspectos, se não inéditos, pelo menos referidos ligeiramente em trabalhos já editados. Não se trata, pois, de uma nova síntese de história do jornalismo cearense. Numa homenagem aos 10 anos de formatura da primeira turma de jornalistas saída do Curso de Comunicação Social da UFC, discorreremos sucintamente

sobre algumas passagens interessantes da vida jornalística, contando com depoimentos de Antônio Girão Barroso, escritor, professor e jornalista, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará, coetâneo da maioria dos eventos contados; de Carlos Neves d'Alge, também professor e jornalista do melhor quilate — hoje afastado das lides —, ex-editor d'*O Jornal*; por fim, de José Raimundo Costa, Diretor Administrativo d'*O Povo* e nosso aluno de História da Cultura e dos Meios de Comunicação, na Universidade Federal do Ceará, de quem incluímos pesquisa efetivada como tarefa didática para a referida disciplina, tendo como objeto a curta vida d'*O Jornal*, interessante experiência vivida pela imprensa alencarina no período de 15 de julho de 1958 a 12 de maio de 1959.

ANTES DE 1930

Procurando situar apenas a época aproximada de quando existiram alguns jornais e revistas cearenses, tomamos tento em não tornar cansativa a narração dos fatos. Exceto engano talvez nunca se tenha escrito e, provavelmente, pouca gente tenha conhecimento de que, antes da deposição de Washington Luís, Jáder de Carvalho — que depois criaria o *Diário do Povo*, jornal que circulou em Fortaleza durante muitos anos, — fundou *A Esquerda*, que durou pouco tempo e tinha por fio editorial fazer oposição ao Governo cearense, de modo que a denominação não conotava o partidário avançado de hoje. Houve também um jornaleco, tipo pasquim, de forte veia satírica, que se chamou *O Ceará por Dentro*. Alguns gráficos que trabalhavam n'*O Ceará*, dirigido por Júlio de Matos Ibiapina, foram demitidos da Empresa. Para causticar o *O Ceará*, onde trabalhavam como redatores, entre outros, Raquel de Queiroz, Djacir de Meneses e Susana Guimarães, os pasquineiros vazavam suas matérias nos moldes d'*O Ceará*, inclusive com a mesma diagramação. As assinaturas das colunas e reportagens eram corruptelas dos nomes

dos redatores d'O Ceará. Neste, Djacir de Menezes mantinha uma seção opinativa que, n'O Ceará por Dentro, era assinada por Menez Djaici. E assim eram todas as matérias. — Miniatura feita sátira mordaz era o “panfleto” dos gráficos. Era a crítica de encomenda, feita de caso pensado, tivesse ou não razão de existir.

Mais ou menos nesse tempo existiu um periódico denominado *O Trabalhador Gráfico*, jornal meio de esquerda que saía todas as semanas. Era uma espécie de órgão do sindicato dos trabalhadores gráficos na época, muito apreciado pelas entidades sindicais de então, especialmente por trazer matérias relacionadas com a vida sindical nascente. Também não conseguimos saber quem eram seus diretores já que, como n'O Ceará por Dentro, não trazia expediente.

Outro que fez história foi *O Diário da Manhã*, dirigido por Aduino Fernandes, que tinha como principais redatores o próprio Aduino, Mário Sobreira de Andrade — O Mário de Andrade do Norte — e Iaco Fernandes, filho de Aduino Fernandes. O poeta e jornalista Antônio Girão Barroso também trabalhou no *Diário*, não como redator, mas na qualidade de gráfico, pois que tinha adquirido experiência em oficinas tipográficas em Iguatu, onde havia morado durante quatro anos. Iaco Fernandes é autor de um livro publicado, *post mortem*, recentemente, intitulado *Notícias do Povo Cearense*. Foi, na opinião de Antônio Girão Barroso, um “excelente poeta, uma das pessoas mais inteligentes que já conheci”.

A Muralha, dirigido por Gastão Justa, foi outro órgão da imprensa cearense de ontem que circulou antes de 1930. Foi um órgão de oposição muito combativo e sério, muito apreciado especialmente pelos seus editoriais corajosos.

Outra interessante faceta do jornalismo cearense, digamos assim, artesanal, foi a existência dos jornais manuscritos, que medraram até com muito sucesso, se bem que durante pouco tempo. Girão Barroso foi um dos fundadores de um deles, chamado *A Metralha*, noticioso e literário, que circulou em 1929, em Iguatu. Houve outro, denominado *O Iguatuense*, feito por Madaleno Girão Barroso e Humberto Tei-

xeira — o famoso “doutor do baião”. A maneira de *A Metralha*, *O Iguatuense* era todo escrito a mão, com boa caligrafia e que circulava de mão em mão. Nesse modelo foram veiculados, ainda em Iguatu, sob a direção de Antônio Girão Barroso, mais dois jornais manuscritos: *O Progresso* e *O Lábaro*. Já em Fortaleza, não referindo a outros jornais manuscritos que floresceram, Girão fundou e dirigiu *O 5 DE JULHO*, em homenagem aos “18 do Forte” e à Revolução Paulista (1922 e 1924). No *O 5 de Julho*, o fundador começa a demonstrar suas perspectivas jornalísticas, fazendo da atividade não somente um passatempo, mas atividade com ares de profissionalismo, o que depois veio a se confirmar. *O 5 de Julho* definia perfeitamente a posição dos redatores como estudantes, pois a maior parte deles, de todo o Brasil, era partidária, adepta ferrenha da Aliança Liberal, que teve como candidatos à Presidência e Vice-Presidência da República Getúlio Vargas e João Pessoa. E esses jornais manuscritos, com público determinado, foram veículos perfeitos de disseminação dos ideais políticos aqui em Fortaleza e em diversas outras cidades cearenses, ao lado de matérias noticiosas sempre com a tinta ideológica, plenamente aceitáveis na época, mas hoje absolutamente condenáveis, pois a sua prática descaracteriza o jornal, uma vez que a este competem a análise, a crítica e a informação, despidas de tendenciosidades de cor, credo, partido político e sectarismo de grupo.

Em 1929, um grupo de concluintes do Curso de Humanidades do Liceu do Ceará, encabeçado por Vicente Bezerra Neto (irmão do escritor João Clímaco Bezerra), Magdaleno Girão Barroso e Ivan Moreira do Egito criaram um semanário — *O Momento*, que era impresso nas oficinas gráficas d’*O Nordeste*. Esse jornal, ao contrário do que fazia a maioria dos que apareciam como opositores do Governo, tinha uma tendência situacionista, talvez com o objetivo marcado de ganhar as graças do Governo para efeito de publicidade, apoiando o Governo do presidente do Estado, Mattos Peixoto e, num contexto nacional, naturalmente o Governo de Washington Luís e as candidaturas de Júlio Prestes e Vital Soares à Presi-

dência e Vice-Presidência da República. A curiosidade maior é que esse jornal foi o primeiro aqui no Ceará que apareceu ostentando manchetes — um título grande encimando a primeira página. Exemplo célebre de manchete d'*O Momento* foi a notícia de um jogo de futebol, em que atuou, pelo Maguari, o goleiro Cincinato: "CINCINATO, O HOMEM DAS 32 PEGADAS".

Em Iguatu, digno de lembrança é *A Semana*, hebdomadário dirigido e feito, do começo ao cabo, — inclusive a diagramação — por Hugo Víctor Guimarães, que era telegrafista. Hugo veio depois morar em Fortaleza, onde tornou-se sócio do Instituto do Ceará. Entre outros trabalhos que realizou, organizou uma antologia chamada *Soneto Cearense*, boa fonte bibliográfica sobre o metro aqui no Ceará.

O Porvir foi um interessante jornal que existiu em Aracati, do qual era redator, dentre outros, Teodorico da Costa Barroso. Não houve meios de conseguir a data exata, pois não há nenhum exemplar arquivado, mas sua existência se situa entre 1919 e 1920. Pertencia à Sociedade Romeiros do Porvir, entidade de caráter cívico-cultural da terra de Paula Ney. Também em Aracati, e na mesma época, circulou uma revista denominada *A Estrela*, feita pela professora Francisca Clotilde, que adquiriu notoriedade em razão do seu interesse pela cultura em geral, sendo, inclusive, homenageada com placa de rua em Fortaleza.

Embora sem saber a data certa, regista-se em Quixadá a existência d'*O Sitiá*, nome de um rio que banha a cidade. Esse semanário era dirigido pelo historiador Eusébio de Sousa, que organizou, em Fortaleza, o Arquivo Público, e possui livros publicados.

Não seria ocioso dizer, — embora se conheça, à saciedade, através dos poucos livros existentes sobre o assunto e do depoimento pessoal de componentes dos nossos órgãos de imprensa que ainda estão vivos —, que a maior parte desses órgãos apareceu nos dois primeiros quartéis deste século. Mas, como não nos cabe projetar a "transparência" do que já existe, continuamos a fazer referências a alguns órgãos

curiosos que passaram despercebidos àqueles que se dignaram a escrever nossa história. Evidentemente, num trabalho dessa natureza, não se pode cobrir tudo o que de curioso e interessante aconteceu, se levarmos em conta que o espaço e o objetivo assim não exigem nem o tempo a tanto permite.

NA SEGUNDA REPÚBLICA

No começo da Segunda República houve, aqui em Fortaleza, um jornal intitulado *O Repórter*, semanário elaborado por jornalistas de profissão, não empregados, do qual Orlando Mota era um dos dirigentes. Não havia empresa e os redatores funcionavam como liberais, à maneira do que se faz hoje em diversas cidades brasileiras, principalmente com as cooperativas de jornalistas, que recebem a incumbência de entregar, pronto, o jornal de entidades, repartições públicas, empresas comerciais e outras organizações societárias.

Um diário, de curta duração, como a maior parte dos veículos de imprensa que já não existem, teve vida em Fortaleza. Foi *A Vanguarda*, homônimo de um existente no Rio de Janeiro. *A Vanguarda* cearense teve como diretor Carlos Ramos, que mudou-se depois para o Rio de Janeiro, onde mora até hoje. Outro redator de *A Vanguarda* foi Márcio Moreira de Andrade.

A Trincheira foi outro jornal fortalezense, este organizado pelos estudantes da Faculdade de Direito, dirigido pelo acadêmico Oto Ramos de Oliveira. Entre outros, era seu redator Hugo Lopes de Mendonça, hoje professor do Curso de Agronomia da Universidade Federal do Ceará.

Capital e Trabalho, em duas fases (a primeira como revista e a outra como jornal) era um tablóide dirigido pelo professor Aderbal Freire. Na sua segunda fase, o jornal era como um órgão da Seção estadual do Partido Democrata Cristão, do qual Aderbal Freire era o presidente. Foi um veículo que honrou a atividade jornalística cearense, pois era muito bem feito, sério e tinha excelentes colaboradores.

José foi outro jornal muito curioso, diferente dos que até então haviam aparecido. Foi fundado e dirigido por Antônio Girão Barroso, em 1947. *José* foi idealizado com esse nome para expressar as aspirações do povo. Segundo Girão Barroso, o nome seria uma evolução de *Zé Povinho*, *Zé Povo* e, finalmente, *José*.

Isso indicava que o povo brasileiro cada vez mais vinha ganhando em dignidade. É o próprio Antônio Girão Barroso quem fala da sua criação: “o povo deixou de ser o *Zé Povinho*” — aquilo que não valia nada, relegado ao plano secundárrissimo; *Zé Povo*, um negócio de mais destaque, mais em cima; e, finalmente, na minha concepção, simplesmente *José*. Como houve na Itália um movimento denominado *Uomo Qualúnque* (“homem qualquer”), então, aqui no Ceará, minha intenção foi a de elevar cada vez mais a dignidade do homem, à imitação do “qualunquismo”.

Há muitas pessoas que pensam que *José* foi um jornal literário. Não, foi um jornal como outro qualquer: noticioso, opinativo e cobrindo os fatos gerais. Inclusive os editores imprimiram um tipo de noticiário objetivo, dizendo somente a verdade dos fatos, pois era comum, na época, os redatores emoldurarem as matérias. É seu fundador quem nos fornece dois exemplos dessa objetividade: “... eu noticieei, por exemplo, uma reunião na Casa de Juvenal Galeno dizendo que tinham comparecido pouquíssimas pessoas, em vez de dizer compareceu numeroso público etc., etc! Noutra oportunidade, noticiando uma espécie de reunião ou congresso de folclore, no Teatro José de Alencar, eu disse que o poeta Rogaciano Leite tinha feito um discurso horrível, um péssimo discurso, em vez de dizer que o poeta Rogaciano Leite, em sua brilhante alocução etc., etc”. Isto significa dizer que já era o jornalismo mais honesto, inclusive com a própria ciência.

José, como jornal variado que era, tinha, ao lado das preocupações políticas, sociais e de ordem mais geral, aquelas de natureza cultural. Uma das páginas era intitulada “Literatura para José”, querendo significar uma literatura vol-

tada para o homem do povo, para o homem qualquer do Brasil. Outro título era “E as Artes José?”, tal como um apelo no sentido de que o povo, o homem comum, também tivesse preocupações com os movimentos artísticos, como cinema (coluna entregue a Darcy Costa), Teatro (José Bonifácio Câmara), Artes Plásticas (Otacílio Colares), Rádio (Eduardo Campos) e Literatura (escrita pelo próprio Girão Barroso ou por outros redatores). Menciona-se no rol de colaboradores de *José*, além dos já citados, Jairo Martins Bastos (que publicou “Orfeu”), Eliardo Pereira, secretário do jornal na sua primeira fase — onze edições), Artur Eduardo Benavides, Aluísio Medeiros (que assinou um rodapé de crítica de livros), Braga Montenegro, Paulo Botelho e Fran Martins. Este último fez, certa vez, uma brincadeira muito interessante com *José*, escrevendo um poema, em versos de sete sílabas, a que chamou de “Josefada”, uma espécie de sátira. Infelizmente o professor Fran Martins, um dos maiores comercialistas brasileiros e professor do Curso de Direito da UFC, não possui mais o recorte e tampouco sabe o poema de cor.

José teve, como já referimos, duas fases: da primeira tiraram-se onze números, enquanto que, da segunda, foram publicadas apenas duas edições. Na segunda fase, aparece como um dos diretores o hoje professor de Direito Constitucional da UFC, Paulo Bonavides.

Em dezembro de 1936, saiu o primeiro número da revista *Letras*, que era editada com reportagens e comentários. Tinha o objetivo principal de divulgar a literatura moderna no Ceará. A revista foi dirigida por Manuel Albano Amora, hoje professor de Direito Internacional do Curso de Direito da UFC, e Girão Barroso.

Movimento foi outra revista do final da década de 40 para o começo da de 50. Os principais colaboradores foram Aluísio Medeiros e Otacílio Colares. Era uma revista que trazia matérias de interesse geral com boa dosagem de jornalismo.

Itinerário, de Aluísio de Medeiros e Raimundo Ivan Barroso de Oliveira, figura também na relação de boas revistas

que existiram em Fortaleza, tendo publicado muito boas matérias jornalísticas.

Outra muito importante e que deve figurar na memória da história do jornalismo cearense foi *Cultura*, que circulou sob a responsabilidade dos alunos do Curso Complementar (Pré-Jurídico) do Liceu do Ceará. A revista foi dirigida por Álvaro Lins Cavalcante e tinha como linha editorial o trato de assuntos culturais e, secundariamente, o jornalismo — a notícia, o editorial, o comentário.

A Revista *Fênix*, órgão do Grêmio Ensaios Literários dos Estudantes Fenixtas, da Fênix Caixeiral, merece destaque por ter se constituído num elemento de preservação dos estudos artísticos e culturais, bem como cultivava a prática e desenvolvimento dos pendores artísticos dos estudantes daquela escola de comércio. A revista foi fundada em 1938 e teve vida bastante curta.

Como os jornais, foram muitas as revistas de vida efêmera, especialmente porque seus dirigentes não as exploravam comercialmente. Sabe-se que o que sustenta, nos dias de hoje, os jornais e quaisquer órgãos de imprensa — exceto os meios de comunicação mantidos pelo Governo — são as assinaturas e a publicidade. Desde há muito, os veículos são empresas que, se mal administradas, caem na insolvência e falem, vão à derrocada financeira. Se a venda de serviços é pequena e a oferta desses mesmos serviços é grande (no caso, a informação — que não é paga), há automaticamente o desequilíbrio entre o ativo e o passivo e a empresa fecha ou vegeta, como há ainda casos em todo o Brasil. Em Fortaleza, há um belo exemplo, falando eufemisticamente, de uma empresa dessas, que nasceu aparentemente sólida, grande como Macunaíma. Nasceu e cresceu tão assustadoramente, que os proprietários de velhos e seguros jornais temeram sua concorrência. Trata-se d'O *Jornal*, um dos melhores órgãos da imprensa nordestina de todos os tempos, até então. Um jornal que durou menos de uma gestação, pois “abortou” no nono mês, resultado de uma administração desastrosa, a despeito dos excepcionais homens de imprensa que lá traba-

lharam. Surpresa geral quando, em seu último número, em 12 de maio de 1959, ao ler o editorial “*O Jornal Suspende sua Circulação*”, o cearense viu-se privado de um dos melhores jornais que por aqui tinha aparecido. Dizia o suelto que a suspensão era temporária. Mas essa temporariedade já está com vinte anos!

Nosso aluno de História da Cultura e dos Meios de Comunicação, do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, José Raimundo Costa, preparou pesquisa das melhores sobre “*A Vida Efêmera d’O Jornal*”, cumprindo, sob nossa orientação, tarefa da disciplina.

José Raimundo Costa, militante da imprensa à época de vida d’*O Jornal*, acompanhou de perto a vertiginosa ascensão e queda maior ainda do jornal dos Pinheiro Maia e colheu depoimentos de pessoas que a eles prestaram serviços profissionais, como Lúcio Brasileiro, Carlos d’Alge, Rangel Cavalcante, Dário Macedo, Alencar Monteiro, Valfrido Salmito e outros.

Por se tratar de trabalho acurado, de alto valor de conteúdo — tendo, inclusive, merecido o melhor conceito escolar — prazerosamente o incluímos como fecho do presente artigo, tirando-o do ineditismo.

A Vida Efêmera d’*O Jornal*

Numa de suas primeiras aulas da disciplina História da Cultura e dos Meios de Comunicação, o professor João Vianney Campos de Mesquita enumerou duas dezenas de temas para trabalhos escolares dos seus alunos, deixando a cada um a liberdade de escolher o assunto. Orientou, sugeriu, ajudou.

Por sermos o mais idoso da classe e certamente por haver convivido com a experiência d’*O Jornal*, jornal que os irmãos Pinheiro Maia editaram em Fortaleza no final da década dos 50, julgou ele que poderíamos escolher o tema apresentado — “*A Vida Efêmera d’O Jornal*”.

De pronto aceitamos a sugestão.

Não foi difícil o trabalho, pois a curta história d'O *Jornal* ainda é bem recente, tem apenas 20 anos; os que o fizeram profissionalmente ainda estão aí vitoriosos e espalhados por este imenso Brasil. Além do mais, a coleção de poucos volumes das 242 edições — apenas cinco — foram doados à Biblioteca do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, estando ali à disposição dos estudiosos. Bastava, pois, recorrer à memória, na relembração de alguns episódios, e compulsar as edições. Foi o que fizemos. O que escrevemos está aí resumido.

O JORNAL DOS PINHEIRO MAIA

Como nascem, sobrevivem e morrem os jornais? Como e por que?

Como todos os organismos, um jornal também tem vida. Por isso, nasce, e um dia morrerá sem dúvida. Alguns surgem e logo desaparecem como ocorre com o homem. Outros alcançam a longevidade e, como certos homens, sabem sempre conservar a juventude. Custam a envelhecer.

Essa é a história de todos os jornais.

Não podia fugir à regra o órgão de que nos ocuparemos neste trabalho, no qual procuraremos descobrir os motivos da morte prematura d'O *Jornal*, nascido em berço de ouro e, por isso mesmo, forte e robusto nos seus primeiros passos.

Fortaleza sempre foi uma cidade de muitos jornais. Época houve em que oito diários disputavam a preferência dos poucos leitores, pois o cearense, regra geral, nunca foi de muitas leituras. Quando surgiu *O Jornal*, já circulavam os matutinos *Gazeta de Notícias*, *O Estado* e *Diário do Povo*, e os vespertinos *O Povo*, *O Correio do Ceará*, *Tribuna do Ceará* e *O Nordeste*. Seria ele, portanto, o oitavo jornal, isto sem contar com o "Diário Oficial".

Haveria campo para tanto?

Se havia ou não, certamente os irmãos Pinheiro Maia não lançaram mão de nenhuma pesquisa de mercado, coisa

de que nem se falava à época. Tinham dinheiro, muito dinheiro, resultante de transações comerciais destemidas, muito comentadas na época, e por isso acharam que podiam ingressar no jornalismo.

Outros, sem dinheiro, não o haviam feito com sucesso? Por que eles, então, que tinham fortuna e bastante “peito”, não podiam fazer um grande jornal? Um grande jornal que lhes desse a projeção que o dinheiro só não garantia?

Assim, surgiu *O Jornal*, em 1958. Os irmãos Pinheiro Maia (Bonaparte São Domingos Pinheiro Maia e Salomão Mussolini Pinheiro Maia) como eram conhecidos, acharam que podiam editar um grande jornal. E partiram para a jogada decisiva da construção do prédio, à época o primeiro e também o único com instalações adequadas —, e compra das máquinas, também avançadas para a época. E não se esqueceram também de formar uma boa equipe, como se veria depois, uma das melhores que qualquer outro jornal da terra havia juntado.

Instalações, maquinaria e bom pessoal. Pronto, estava aí a receita para um bom jornal, esfregavam as mãos, de contentes, os Pinheiro Maia. Ah, também a decisão de, pelo menos aparentemente, deixarem o pessoal solto, sem atrapalhá-lo com palpites. Mas é notório que, de vez em quando, esquecendo-se da sua origem de comerciantes inteligentes, os dois queriam dar uma de sabidos jornalistas...

O certo foi que, após uma campanha publicitária que encheu de cartazes os muros da cidade, saía o primeiro número de *O Jornal*, a 15 de julho de 1958. E nasceu valente, certo de que o acervo material e intelectual de que dispunha seria bastante para torná-lo forte e vigoroso e dar-lhe o sopro da vida duradoura.

E outra não foi a antevisão do editorial de primeira página:

“Embora num plano diverso do biológico, é o milagre do nascimento que hoje se repete. Sentimos a imensa alegria de dar vida a um jornal, de lançá-lo na grande luta do cotidia-



No primeiro número d' "O Jornal" um novo tipo de diagramação.
No editorial, muitas promessas não cumpridas. Na foto, o belo edifício da sede



OS PRÊMIOS DAS VITRINAS ALIADAS AO DIA DAS MÃES — Na recepção, funcionários adiantam, entre 700, 800, 900 e 1.000 reais, os prêmios das vitrinas aliadas ao dia das mães. À esquerda, o primeiro prêmio, de 1.000 reais, entregue ao Sr. JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA, proprietário da loja de roupas de rua, e ao Sr. JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA, proprietário da loja de roupas de rua. À direita, o segundo prêmio, de 800 reais, entregue ao Sr. JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA, proprietário da loja de roupas de rua, e ao Sr. JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA, proprietário da loja de roupas de rua.

O Jornal REVOLUÇÃO À VISTA TRÁFEGO DE-COLETI

ULTIMATUM DOS ESTUDANTES AO GOVERNO: GREVE GERAL

REPARQUE NACIONALMENTE O CASO DA FACULDADE DE ENGENHARIA DE JUIZ DE FORA-DESVIA DOS 23 MILHÕES DE CRUZEIROS-PERTINENTES A ESCOLA — DEMISSÃO IMEDIATA E EXIGIDA AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

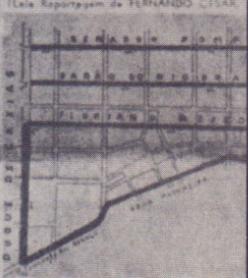


Ilustração Reportagem de FERNANDO CESAR

Em 12 de maio... (text continues with details of the student movement and government response)

OPERACAO PETROBRAS NA CAMARA FEDERAL

CERA DE CARNAUBA: NOVO METODO DE CLASSIFICACAO

O JORNAL SUSPENDE SUA CIRCULACAO

ganhos... (text continues with news snippets)



LEI MALAIA CONTRA O REGIME DE LIVRE EMPRESA NO BRASIL

CONSUMO... (text continues with news snippets)

Menos de um ano depois, o melancólico "até logo" que foi adeus. Na manchete, o jornalismo vibrante que credenciou a equipe

no... Sabemos o destino que está reservado a O Jornal. É o destino dos grandes diários, capazes de modelar idéias...

... "Materialmente estamos dispostos a cumprir a promessa que fizemos à população de Fortaleza. Não foi por acaso que nos submetemos a uma longa preparação. Estivemos mobilizando recursos técnicos e selecionando homens, porque tínhamos a consciência de que nada seríamos se ingressássemos na história do jornalismo cearense igualando-nos à rotina".

Está aí o que os donos pensavam de *O Jornal*: cheio de máquinas e de bons profissionais. E dando logo a volta por cima, colocando os demais jornais de 40 e 50 anos de existência dentro da rotina que seria derrotada.

Vimos *O Jornal* nascer. Era realmente bom para a época. Hoje, revendo a coleção que se encontra na biblioteca do Centro de Humanidades da UFC, repetimos que era bom para a época, quando a imprensa cearense ainda não alcançara o alto grau de desenvolvimento de hoje.

Bem feito, bem diagramado, explorando com vivacidade os assuntos do momento, *O Jornal*, aos poucos, foi crescendo. Soube explorar escândalos como o das "peruas" importadas pelos padres palotinos, o jogo do bicho e outros. Quando mezeu na casa de marimbondo do jogo do bicho recebeu a consagração de um rajada de metralhadora, cujos estilhaços caíram sobre a mesa de Bonaparte. Este, certamente com a mão direita agasalhada sob o colete, se fechava novo herói...

Estava crente *O Jornal* de que inauguraria uma nova era na imprensa cearense. Continuava dizendo o editoria:

"Seremos fiéis ao ideal (sic) da imprensa modernas informar o melhor possível, acompanhando passo a passo os acontecimentos do Ceará, do Brasil e do mundo".

Talvez aí o grande erro dos fundadores do novo órgão. Imprensa cujo ideal é apenas informar não é imprensa. Ela precisa encarnar realmente ideais: de liberdade, de soberania, de independência.

Mas os Pinheiro Maia, sem tradição jornalística nem política, queriam se servir do diário para se lançar na política. Este o ideal não confessado mas sabido no fecho do editorial:

“Em matéria de política guardaremos uma linha de inteira independência, não nos submetendo a imposições que o partidarismo impõe. Sabemos que não é um jornal político o que o povo deseja. Reservamo-nos, naturalmente, o direito de termos uma opinião política. Mas cuidaremos para que não se torne jamais um empecilho à clareza e à imparcialidade de nossos julgamentos”.

Que não tinha ambições políticas, logo a linha do jornal desmentia, pois passou a servir e ser o porta-voz da facção cearense do Partido Republicano Trabalhista, em cuja legenda os irmãos Pinheiro Maia se engajaram. E neste particular, se o órgão da Praça do Coração de Jesus não teve outras vitórias, pôde contar o triunfo de ver eleitos os irmãos Salomão e Bonaparte, com votos do interior do Estado, pois os da capital não deram sequer para eleger o terceiro “mosqueteiro” — Valadão Vesúvio — vereador à Câmara de Fortaleza.

E a primeira página do vespertino passou a repetir os clichês dos dois candidatos. Numa das vezes, sob a notícia, com o pomposo título: “Bonaparte e Salomão, dois irmãos unidos para melhor unir o Ceará”...

Mas que *O Jornal* não tinha mensagem não foi o editorial primeiro que disse. A própria origem da folha bonapartista não deixava dúvidas, pois os irmãos talvez não tivessem mais do que ambição quando se lançaram à aventura, que eles próprios, no arroubo de valentia da “Linha de Conduta”, não sabiam tão pouco duradoura. No editorial falaram em máquinas, em bons profissionais. Mas será isto bastante na receita de um bom jornal? Jornal será apenas homens e máquinas?

Claro que não. E a vida efêmera de *O Jornal* bem provou isso. Há necessidade de algo mais, que não se compra

com dinheiro: ideal. Ideal que gera sacrifício, sacrifício que gera luta, luta que gera vitórias, vitórias que alimentam o ideal. E começa de novo o círculo benéfico: ideal, sacrifício, lutas, vitórias...

Não se conhece na história da imprensa brasileira jornal que tenha nascido grande. Todos partiram do ideal, do sacrifício, da luta. Cresceram assim e hoje são grandes porque cresceram lutando. Os que nascem grandes, se ainda sobrevivem, não conseguiram suplantar os tradicionais. Uma vista dos olhos de norte a sul do Brasil mostrará facilmente isso.

O pecado de *O Jornal* foi nascer grande, inchado. E a empáfia de sair da rotina anunciada no primeiro número, após uma olhadela nas máquinas e na boa equipe formada, deu aos seus dirigentes a ilusão de que muito cedo colocariam os demais diários para trás. E não foi só de nascer grande, pois se a isso se juntasse u'a mensagem em que o povo confiasse, bem que os dois ingredientes primários — máquinas e homens — poderiam se juntar ao principal e, devagarinho, irem conquistando a alma do povo.

Se máquinas e homens bastassem, *O Jornal* hoje estaria aí firme, vencedor. Meia dúzia de linotipos, tituleiras mecânicas, possante rotativa, moderníssima clichéria, tudo isso acionado por uma equipe de primeira linha, comandada por Carlos d'Alge, intelectual brilhante e jornalista experimentado. Materialmente forte, *O Jornal* era fraco pela ausência de u'a mensagem que o ligasse ao público que queria conquistar.

Se sempre foram homens de ganhar dinheiro, Salomão e Bonaparte provaram logo que não eram de perder dinheiro com facilidade. A venda do jornal não respondia ao esperado. A publicidade não correspondia. A repercussão de suas campanhas, por falta de credibilidade, era fraca. Uma coisa só ia crescendo, agigantando-se: o prejuízo. Cada semana nova injeção de dinheiro para completar a folha de pagamento, pois já não mais se estava na fase amadorista dos primeiros jornais, quando os gráficos se contentavam com minguados

vales, e tudo ficava por isso mesmo. A contabilidade pesando mais no “deve” ia enfraquecendo os arroubos iniciais. Mas o que eles resolveram mesmo foi fechar o jornal. O órgão morreu antes de completar nove meses de vida. Não teve sequer o período de uma gestação biológica...

Tudo foi feito dentro do maior segredo. Até dois dias antes, só os irmãos sabiam. Na véspera, Carlos d’Alge e Arimatéia foram cientificados. Até o editorialista brilhante que o vespertino possuía Odalves Lima — ainda hoje o melhor da imprensa cearense — teve de trocar, à última hora, o editorial que escreveu pelo arrazoado que surpreendeu o pessoal das oficinas quando ali chegou para composição. Só então a equipe gráfica, que compusera todo o jornal como se nada de anormal fosse ocorrer, tomou conhecimento do último suspiro do jornal que ia fugir da rotina.

Talvez tivesse sido um erro a suspensão de circulação de *O Jornal*, como errado fora os dois irmãos incursionarem pelos ínvios caminhos da imprensa. Mas já que estavam perdidos na floresta, talvez não fosse o fogo que atearam a melhor saída. Um pouco mais de paciência, um esforço mais aqui, outro maior ali, e a clareira da estrada real poderia surgir. Isto em literatura é até bonito, mas em finanças não deve ter graça nenhuma. Por isso, os Bonaparte optaram pela drástica medida.

Tudo feito dentro do maior sigilo. Até 48 horas antes a idéia desabrochava apenas no pensamento dos irmãos Pinheiro Maia. Na véspera, um pequeno colegiado, no qual ingressaram apenas o editor Carlos d’Alge e o gerente José de Arimatéia Santos, passou a dominar o segredo. O resto, apesar das dificuldades econômicas que explodiam todos os sábados quando faltava dinheiro para as folhas de pagamento e até para os vales, nada pressentia. Aliás, foi num sábado, anterior ao do último dia de *O Jornal*, que uma onda de alegria tomou conta dos operários e redatores, pois Bonaparte lhes prometera, para breve, com a ampliação do parque gráfico, melhores vencimentos.

Pronta a edição, faltava o claro do editorial. A demora na descida da matéria até podia dar mais importância ao assunto que ela abordaria.

O impacto foi grande. O pessoal da oficina logo acercou-se do linotipista que pegara a matéria e a leram antes da composição. A estupefação foi geral, a tristeza ainda maior. Naquele primeiro momento a equipe sequer pensou em desemprego, pois o jornal tem a virtude de fazer-se amado. E aqueles modestos operários (a maioria dos redatores e do pessoal da administração tomou conhecimento do fato pela leitura no jornal), apesar da labuta sofrida, dos parcos salários atrasados, já começava a querer bem ao *O Jornal*. Viram-no nascer e certamente não o queriam ver morrer. Mas estava ali, irrecorrível, a sentença de morte: *O Jornal* ia fechar.

O complexo da grandeza napoleônica não abandonou os dois irmãos na "retirada para Santa Helena". Lá está na abertura do (que seria o último...) primo-editorial: "*Dormida uma noite como recomendava Napoleão antes das grandes decisões, é com tranqüilidade e pleno conhecimento de causa que fazemos uma importante comunicação ao público, sabendo, de antemão, a força do seu impacto: O Jornal deixa, hoje, de circular. Amanhã, já os leitores não o encontrarão nas bancas*".

O impacto talvez não tivesse sido entre o público da grandeza esperada pelos proprietários do órgão. Como já dissemos acima, por falta de u'a mensagem, por ausência de substância, o vespertino não fora aceito na medida das expectativas. Havia ainda a relutância natural à origem milionária do jornal, que poderia ser vencida pelo bom jornalismo apresentado.

Se não foi grande o impacto na massa ledora, sem dúvida o foi entre os concorrentes, que haviam visto, no nascimento da publicação, um perigo crescente. Temos, inclusive, a coragem de confessar que, pessoalmente, respeitávamos *O Jornal*, pelo bom jornalismo que a sua excelente equipe, de que nos ocuparemos adiante, fazia. À época, éramos gerente

de *O Povo* — gerente, administrador-geral e também editor, pois substituíamos o diretor e o secretário nos seus impedimentos. Víamos no vespertino de Carlos d'Alge um concorrente perigoso, que poderia, com o tempo, fazer periclitar a liderança que *O Povo* já ia assumindo na disputa com o *Correio do Ceará*. Confessamos, pois, que o impacto previsto no editorial atingiu o alvo não visado. Mas atingiu de maneira diferente de um petardo, foi assim como, se numa guerra, chegasse ao nosso lado a notícia de que a munição do inimigo se esgotara.

E tal foi assim que, antes de passar à leitura total do mal alinhavado artigo, que falava, inclusive, no ressurgimento da publicação “aqui ou olhures”, discávamos para a *Western* para transmitirmos, com taxa de urgente, a boa nova a Paulo Sarasate, então deputado federal. Só depois foi que continuamos a leitura da matéria, destacando dela esse trecho eivado de amadorismo — para não dizer de infantilidade em que era anunciada a ressurreição de *O Jornal*:

“Paramos para uma reorganização da empresa. Com os elementos técnicos de que dispomos (sempre a preocupação com a máquina) pretendemos organizar uma grande empresa, capaz de bem servir ao Ceará, neste setor em que as debilidades (sempre o desprezo aos demais) são de todos conhecidas. Considere-se implícita a declaração de que, mantidas as bases materiais (sempre a matéria, porca, porca matéria) poderá O Jornal, a qualquer momento, retornar à vida (era o atestado de óbito) dependendo de estudos que estamos realizando sobre a melhor utilização econômica do nosso parque de máquinas (seu único patrimônio). Esse ressurgimento (por pouco não escreveram ressurreição) poderá ocorrer aqui mesmo ou mesmo alhures (oh, Pai, como a força do dinheiro embriaga os homens) considerando-se que, se O Jornal surgiu para servir ao povo, tanto lhe importa que lhe sirva aqui ou em outro ponto do país”.

A profecia dos irmãos Bonaparte, sem eles o saberem, realizou-se. Como o seu *O Jornal* era somente máquinas e equipe, mesmo espalhados por esse Brasil imenso, estão por

aí fazendo jornais e jornais. As máquinas certamente substituídas pelo mais moderno, mas a equipe cada vez mais brilhante. Nesse particular não se pode dizer que *O Jornal* foi uma escola, pois nada tinha a ensinar, mas um celeiro de craques, para usarmos o jargão esportivo. Credite-se isso a quem foi cometida a tarefa de escolher a equipe, talvez o editor Carlos d'Alge.

E a equipe?

Que nomes eram estes, além dos já citados Carlos d'Alge, Arimatéria e Odalves Lima?

Para começar, um nome que despontava e hoje está lá em cima no colunismo brasileiro: Lúcio Brasileiro. Pode-se até dizer que, na imprensa cearense, com as dimensões atuais, nasceu no *O Jornal* a crônica social. Pelo menos três vezes por semana, lá estava o Lúcio, em páginas inteiras ainda sem os seus *in* e *out*, ocupando-se e preocupando-se com o *grand monde* da época. Ainda garoto, mas com a veia jornalística entumescida de sangue bom, Lúcio inovava, como ainda hoje o faz.

Carlos d'Alge, dispensa maiores apresentações. Mas a sua apresentação em *O Jornal* foi uma série de reportagens feitas na Europa, ao vivo, antecipando para os seus leitores as conturbações que esperavam o velho mundo ainda convalescendo das misérias da guerra. Mas o seu mérito maior foi, sem dúvida, como já dissemos, a formação da equipe.

Para os mais novos, eis aí u'a mão-cheia de diamantes que depois brilhariam na imprensa brasileira, mas que só ganharam lapidação porque o garimpeiro soube descobri-los: Milano Lopes, Tarcísio Hollanda, Rangel Cavalcante, Dário Macêdo, Alencar Monteiro, Edilmar Norões, Iran Benevides, (então como hoje, sempre um redator itinerante...) E Fernando César. Na revisão, anotem este nome: Valfrido Salmito, hoje superintendente da Sudene.

Havia um segundo time, de apoio. Destes, uns abandonaram o jornalismo, outros permaneceram medíocres.

Fisicamente, resta hoje pouco do prédio de *O Jornal*: apenas o arcabouço. No edifício funciona o Tribunal Regio-

nal Eleitoral, após grandes modificações internas. Espiritualmente, nada, o que pouco alterou, pois nada também existia nesse terreno.

Para concluir este trabalho, a nossa opinião sobre *O Jornal*: os irmãos Bonaparte erraram em fundá-lo; teriam errado muito mais se tivessem cumprido a promessa de resuscitá-lo, aqui ou alhures...